



opusdei.org

Traçar o caminho Crises mundiais,...

TRAÇAR O
CAMINHO

**“Crises mundiais,
crises de santos”**



TRAÇAR O CAMINHO

Opus Dei

CACCG (Edição)

Fonte:

opusdei.org/pt-pt



opusdei.org

Traçar o caminho (1): Crises mundiais,...

TRAÇAR O
CAMINHO

**“Crises mundiais,
crises de santos”**



Traçar o caminho (1): Crises mundiais, crises de santos

17/07/2026

Nesta série de artigos, a partir de palavras de São Josemaria, alguns especialistas em Comunicação, Antropologia, Filosofia, Formação e Teologia vão ajudar-nos a descobrir como a mensagem de São Josemaria, através dos seus escritos, é um farol atraente para a santificação das realidades humanas no nosso século.

Mudar o mundo não com a força das armas, nem com a tecnologia dos gigantes da internet ou com a Inteligência Artificial. Mas com a via silenciosa e eficaz da própria santificação pessoal no meio das atividades quotidianas. «Estas crises mundiais são crises de santos», costumava repetir São Josemaria, abrindo horizontes novos sobre a eficácia salvífica de cada trabalho, mesmo o mais humilde, feito com amor.

As bases da Redenção

Não é por acaso que a própria Redenção assenta as suas bases na vida oculta de Jesus, carpinteiro até aos trinta anos.

E na de Maria, que se uniu à redenção do Filho ao longo de toda a sua vida, que se ocupava do trabalho da casa, de tarefas domésticas muitas vezes ingratas e, sobretudo naqueles tempos, cansativas.

E na vida habitual dos primeiros cristãos, que desempenhavam as mais diversas atividades mas que, como a minoria criativa que Bento XVI^[1] invocou para a renovação da Igreja, deram, a partir do interior da sociedade romana, um impulso vital para a difusão do cristianismo.

As bases da santificação do trabalho

A primeira condição para poder oferecer a Deus o próprio trabalho, ensinava São Josemaria, é a indispensável de trabalhar bem, como o melhor dos nossos colegas e, se possível, «melhor do que o melhor». Com a ajuda da graça de Deus e com a luta contra a preguiça e a superficialidade: *santificar o trabalho* impõe o respeito pelas regras éticas e pelas competências técnicas necessárias para poder desempenhar o melhor possível o serviço aos outros, seja ele qual for.

E isto conduz ao coração do ideal que sempre me envolveu, desde que era jovem do ensino secundário, até agora, profissional com muitos anos e responsabilidades sobre os ombros: *santificar-se e santificar os outros com o trabalho*. Um carisma de potência arrebatadora, ainda em grande parte inexplorada.

O trabalho como altar

O trabalho de cada dia como um altar sobre o qual celebrar a própria Missa, em união com Cristo, com uma eficácia redentora que supera o tempo e o espaço.

Caminho a percorrer antes de mais no interior do próprio coração, ali onde, como elencado pelo próprio Jesus no Evangelho^[2], nascem as sementes da discórdia que muitas vezes contaminam os locais de trabalho: inveja, maledicência, orgulho, rivalidade, ambição de poder. É no coração que se enraíza o desejo, renovado quotidianamente, de serviço aos outros, purificando-o dos impulsos vaidosos de sucesso egoísta ou dos da inimizade ou, ainda, da insuficiência.

Compromisso não de pouca monta, a renovar todos os dias através de uma intensa vida de oração – que São Josemaria chamava *plano de vida*” – que, longe de impedir o melhor desempenho das nossas tarefas, lhe alivia o peso e o impregna de significado.

Oração que, com a ajuda do Senhor, se pode traduzir numa disponibilidade humana e profissional aberta e cordial, que valoriza os talentos dos outros e gera relações fundadas na confiança. Mas que pode também deparar-se com hostilidade e marginalização, como mais do que uma vez também a mim me sucedeu.

O preço a pagar

Porém, o preço a pagar é menos gravoso em comparação com a alegria de ver que – enquanto se percorre o caminho que se abre a custo «ao ritmo dos vossos passos», segundo a expressão de São Josemaria –, outros despertam do torpor espiritual e redescobrem, através da amizade humana, a amizade sobrenatural com Deus no meio das próprias atividades quotidianas. Começando, por sua vez, a percorrer os caminhos da terra que «se fizeram divinos» e contribuindo para aquela nova evangelização tão almejada pelo inesquecível São João Paulo II:

«São necessários arautos do evangelho, peritos em humanidade, que conheçam a fundo o coração do homem de hoje, partilhem as suas alegrias e esperanças, angústias e tristezas e ao mesmo tempo sejam contemplativos apaixonados por Deus. Por isso são necessários novos santos. Os grandes evangelizadores da Europa foram os santos»^[3].

Traçar o caminho (2): O trabalho, uma vocação para...

TRAÇAR O
CAMINHO

“O trabalho
uma vocação
para todos”



***Traçar o caminho (2):
O trabalho, uma vocação para todos***

26/07/2026

Até fora de uma perspectiva de fé, é comum pensar no trabalho como um dos centros prioritários da vida: um âmbito em que experiências, entusiasmos e desilusões, realizações e fracassos constituem para muitos o pano de fundo da existência.

O trabalho como forma de vida

No carisma proclamado por São Josemaria, esta complexa expressão das nossas relações com o mundo, com os outros e connosco próprios é assumida como “vocação”: «Deus chama-vos a servi-l'O *em* e a *partir* das ocupações civis, materiais, seculares a vida humana: Deus espera-nos todos os dias no laboratório, no bloco operatório, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo, no lar doméstico e em todo o imenso panorama do trabalho»^[4]. Com estas palavras indica-se não uma atividade específica, mas uma forma de vida na qual a dimensão pessoal do ser forjada pelo trabalho se entrelaça com os seus efeitos externos. Através do trabalho como vocação, portanto, assumimos uma tarefa a partir da qual nos dirigimos às coisas, acolhemos as coisas e o mundo, e caminhamos ao longo da via que nos conduz à nossa própria realização.

O trabalho e a unidade de vida

As mudanças sociais e culturais da sociedade contemporânea tornam esta mensagem particularmente atual. Através da realidade do trabalho manifestam-se profundos dilemas. Por vezes, deixa-se o próprio trabalho por excesso de pressão, ou porque a pessoa se sente tratada como um meio, ou porque não se veem finalidades dignas do seu empenho.

A procura de um trabalho que faça a diferença, de boas relações e de equilíbrio com a vida familiar é cada vez mais difundida e evidente. Em

resumo, emerge uma intensa busca de unidade de vida, de integração entre as dimensões do eu e da alteridade^[5].

O mundo, responsabilidade nossa

Além disso, em múltiplos âmbitos profissionais convergem hoje tensões, medos e esperanças ligados ao enorme aumento do poder da ação humana, devido ao progresso científico-tecnológico.

O impacto do agir no mundo – sobre o ambiente natural, social e humano – cria angústia e sentido de responsabilidade. O esforço moderno de dar ordem ao mundo, tornando cada coisa mensurável, controlável e manipulável, produziu também crises profundas, como a ecológica, e exige hoje uma reflexão profunda sobre os critérios da ação pessoal e coletiva. Se o mundo está confiado à nossa responsabilidade de modo particularmente intenso e inevitável, o trabalho humano torna-se mais decisivo do que nunca para o “desabrochar” humano e o de toda a criação.

O sentido do trabalho, na sociedade atual, impele portanto a reconectar-se profundamente com as intuições originárias da mensagem cristã, dando-lhes uma elaboração sempre nova. Poder-se-ia dizer que o modo como se encontra o mundo através do trabalho é um laboratório da capacidade de atração do cristianismo para a humanidade contemporânea.

Guardar o mundo

Para o pensamento cristão, a tarefa consiste em redescobrir sempre de novo como cultivar e guardar o mundo, dando resposta à busca de sentido das pessoas. O compromisso no e com o mundo profissional não implica, portanto, escolher amizades, esferas de ação e de atividade tranquilizadoras, mas em não se afastar das forças históricas e dos lugares centrais em que estas agem; não para se adaptar a elas, mas para as orientar rumo à abertura à transcendência.

Para cada pessoa, este caminho leva a tornar-se contemplativo no meio do mundo, a descobrir o valor transcendente de todas as coisas: como um arquiteto que pensa em casas que facilitem a vida e as relações, e em quem olhará para elas no futuro. Como quem lava um chão e reza por todos

aqueles que o vão pisar nesse dia, com as suas histórias, alegrias e sofrimentos. Isto, afinal, é o que São Josemaria chamava: «Um novo modo de viver na terra, um modo divino, sobrenatural, maravilhoso. (...) E sinto a necessidade de trabalhar na terra durante muitos anos».

Andrea Maccarini

Traçar o caminho (3): A família, entre o herdado e o...

TRAÇAR O
CAMINHO

“A família
entre o herdado
e o nunca visto”



***Traçar o caminho (3)::
A família, entre o herdado e o nunca visto***

05/08/2026

Perante as mudanças vertiginosas da sociedade líquida, a família imaginada pelo “santo do quotidiano” é um achado arqueológico ou uma profecia ainda por cumprir?

A resposta encontra-se em seis verbos e numa grande aposta na liberdade.

Selfie de família

Ao olhar para uma fotografia de família dos anos 30 ou 70, épocas em que São Josemaria escrevia e pregava, e comparando-a com uma qualquer *selfie* de família tirada hoje, as diferenças parecem abissais.

Não é apenas uma questão de roupa ou de tecnologia. Aos olhos da sociedade, mudaram a gramática das relações, a permeabilidade da casa ao mundo exterior (através dos ecrãs) e a própria estabilidade do vínculo matrimonial.

Surge, portanto, espontânea, quase provocatória, a pergunta: a família de que falava São Josemaria é a mesma de hoje?

Se olharmos para a sociologia, a resposta é não. Mas se olharmos para a antropologia, ou seja, para aquilo de que é feito o coração do homem – e especialmente um coração jovem – a resposta é sim. Um sim decidido.

E a chave de leitura é-nos oferecida pelo próprio numa das Cartas com que instruía os seus filhos espirituais sobre a missão no mundo, na qual usa palavras que não têm o tom frio da instrução, mas o calor de um convite pessoal.

A educação como “atração” e não como cerca

São Josemaria escreve: «Fazei com que, desde a sua juventude inicial [...] se sintam movidos por um ideal».

O primeiro desafio para a família de hoje não é proteger os filhos do mundo, mas equipá-los para o habitar. Numa época em que a autoridade formal está em crise, a única autoridade que se aguenta é a da autoridade moral, que nasce da atração. O fundador do Opus Dei não sugere impor Cristo, mas tornar Cristo atraente. Isto inverte a perspetiva dos pais modernos, frequentemente ansiosos controladores de *performances* escolares ou desportivas. O objetivo não é o sucesso, mas o encontro.

São Josemaria traça um *roadmap* espiritual em seis verbos, que é de uma modernidade desconcertante: procurar, encontrar, conviver, seguir, amar, permanecer.

Neste artigo referir-nos-emos, em particular, ao ponto 12 da *Carta 7*: «Procurai fazer com que, na sua juventude inicial ou plena adolescência, se sintam movidos por um ideal: que procurem Cristo, que encontrem Cristo, que convivam com Cristo, que sigam Cristo, que amem Cristo, que permaneçam com Cristo. Aguarda-se pacientemente que a graça divina atue nas almas, que chegue o momento do encontro com o Mestre, e que tenham a generosidade e a ternura de seguir a sua voz – *veni, sequere me*; vem! Segue-Me! – renunciando a tantas coisas, lícitas para outros».

É um percurso gradual. Não se pode pedir a um adolescente que “permaneça” se antes não tiver “procurado”. E não procurará nada se não tiver visto nos olhos dos pais que essa procura conduz à alegria, e não apenas a uma série de deveres.

A paciência do jardineiro digital

Talvez a parte mais difícil do texto para um pai do século XXI seja esta: “Aguarda-se pacientemente que a graça divina atue”.

Vivemos na era do tudo e já, dos traços azuis do *WhatsApp*, do *feedback* instantâneo. Aguardar os tempos da alma de um filho é uma ascese duríssima.

A família de hoje é frequentemente tentada a ser uma empresa que deve produzir “bons rapazes” em série. São Josemaria recorda-nos que a família é um jardim. O jardineiro trabalha, sua, aduba, mas sabe que o crescimento é um mistério que não lhe pertence totalmente.

A “paciência” de que fala não é resignação passiva, mas confiança ativa na liberdade do filho e na ação do Espírito Santo. É a capacidade de respeitar os tempos interiores, que frequentemente não coincidem com as nossas expetativas ou com os prazos sociais.

A audácia da proposta

Por fim, o texto toca a nota mais alta: a vocação. «*Veni, sequere me; vem! Segue-Me! Renunciando a tantas coisas, lícitas para outros*».

Num mundo que maximiza as opções e adia as escolhas definitivas, educar para a renúncia parece contraintuitivo. No entanto, a verdadeira crise da juventude contemporânea é frequentemente uma crise de sentido, não de meios.

A família é a “mesma” de outrora, porque a sede de radicalidade no coração jovem é a mesma. Os jovens de hoje, hiperligados e por vezes frágeis, estão paradoxalmente mais famintos de grandes ideais do que as gerações do passado. Apenas precisam de alguém que não tenha medo de lhes propor cumes altos, em vez de se contentar com a planície do “basta que sejas feliz” (que frequentemente significa apenas “basta que não tenhas problemas”).

A “família” de São Josemaria, portanto, não é um modelo estático do passado, mas um laboratório dinâmico para o futuro. É o lugar onde se aprende que a vida não é uma possessão a defender, mas um dom a entregar. E isto, ontem como hoje, é o único segredo para nunca envelhecer.

3 Passos para pais “jardineiros”

Como traduzir os seis verbos de São Josemaria (*procurar, encontrar, conviver, seguir, amar, permanecer*) na vida frenética de uma família

moderna? Aqui estão três conselhos práticos para cultivar a liberdade dos filhos sem a sufocar.

1. Criar o ecossistema (procurar e encontrar): Não transformem a casa numa aula de teologia, mas num ecossistema onde a fé seja “respirável”. Os filhos começam a procurar e a encontrar Deus quando veem que Ele faz parte da normalidade dos pais: um sinal da cruz bem feito antes de sair de carro, o agradecimento sincero à mesa, a naturalidade de pedir ajuda ao Céu para um exame ou um problema de trabalho.

- *Conselho:* Deixem livros, imagens ou música de qualidade espalhados pela casa, ao alcance de todos, sem impor a sua leitura. A curiosidade é o primeiro passo da procura.

2. A pedagogia da beleza (conviver e amar): Ninguém convive de bom grado com alguém aborrecido ou triste. Se a fé em casa for apenas uma lista de “nãos” e de proibições, os jovens fugirão assim que puderem. Para ensinar a amar Cristo, é preciso mostrar que a proximidade com Ele torna os pais mais felizes, mais pacientes, humanamente mais “belos”.

- *Conselho:* Associem os momentos de fé a experiências positivas. Uma festa litúrgica importante celebra-se com um almoço especial ou um passeio. A fé deve ter o “sabor” da festa, e não apenas o do dever.

3. O primado da confiança (seguir e permanecer): Para seguir e permanecer, é necessária a liberdade. O constrangimento gera rebeldes, não discípulos. São Josemaria convida a esperar “pacientemente”. Isto significa que, quando um filho atravessa um momento de crise ou de afastamento, a tarefa do pai não é a pregação contínua, mas a oração intensa e o afeto inalterado.

- *Conselho:* Mantenham a porta sempre aberta. Façam perceber aos vossos filhos que, qualquer que seja o caminho que tomem ou o erro que cometam, a “casa” (física e espiritual) é o lugar para onde podem sempre regressar para curar as feridas e de lá voltar a partir.

Cosimo Russo



opusdei.org

Traçar o caminho (4): Quando amar rima com...

TRAÇAR O
CAMINHO

“Quando amar
rima com
sonhar”



Traçar o caminho (4)::
Quando amar rima com sonhar. O amor entre marido e mulher

28/08/2026

A riqueza dos escritos de São Josemaria, a profundidade das palavras que nos deixou através dos seus ensinamentos, continuam a dar uma resposta atual e concreta à procura de sentido e de plenitude na vida matrimonial e familiar contemporânea. Algumas das suas reflexões soam hoje como verdadeira profecia: torna-se evidente a clarividência com que abordou questões de enorme importância para os casais, fazendo com que a sua mensagem permaneça sempre viva, porque iluminada pela verdade.

O matrimónio, *Sacramentum magnum*

No que diz respeito ao amor conjugal, a verdade antropológica e salvífica do matrimónio encontra o seu fundamento no *Sacramentum magnum*, isto é, no grande mistério da salvação, cuja plenitude se revela na união de Cristo com a Igreja. O matrimónio, já presente na criação, enquanto sacramento, vem «cumprir o originário»^[6], isto é, a união entre o homem e a mulher que, pela graça sacramental, se torna ícone do amor trinitário: comunhão eterna e perfeita de amor entre o Amante (o Pai), o Amado (o Filho) e o Amor (o Espírito Santo), que une os dois e nos é comunicado como fogo que aquece, abraço que consola e luz que ilumina. No grande sacramento de Cristo e da Igreja, os esposos cristãos descobrem o fundamento e o cumprimento da sua vocação e de toda a sua vida matrimonial.

O matrimónio como caminho para o Céu

São Josemaria começou a falar de tudo isto há um século e, já então, as suas palavras pareciam ousadas: «Ris-te porque te digo que tens “vocação matrimonial”? Pois é verdade: assim mesmo, vocação»^[7]. Na mentalidade da época, como ainda hoje acontece muitas vezes, “ter vocação” significava deixar a vida comum para servir Deus e a Igreja. O chamamento divino

identificava-se quase exclusivamente com a vida sacerdotal ou religiosa, abandonando aquilo que é habitual, como a família, o trabalho e a vida quotidiana. São Josemaria revolucionou este conceito, sublinhando que também a vida matrimonial, com o seu quotidiano cheio de responsabilidades, é uma verdadeira vocação divina e um caminho de santidade. «O caminho para o Céu, para ti, tem o nome da tua mulher; ou para a mulher, o do teu marido», recordava São Josemaria aos casais, exprimindo de forma simples a profundidade do seu ensinamento: a santidade não exige feitos extraordinários, mas dedicação fiel aos deveres de cada dia, entre os quais o amor recíproco, a paciência, o cuidado do cônjuge e da família, a entrega total. Amar o cônjuge é a forma e a medida do amor a Deus; é a substância do “mandamento novo”: ir ao encontro do outro para caminhar para o Alto.

Um amor a personalizar

«De longe – além, no horizonte – parece que o céu se une à terra. Não te esqueças de que, na realidade, onde a Terra e o Céu se unem é no teu coração de filho de Deus»^[8]. A metáfora do coração, imagem tão comum entre os apaixonados, era especialmente querida a São Josemaria e permitiu-lhe transmitir toda a beleza e autenticidade da sua mensagem. «O que é preciso para conseguir a felicidade não é uma vida cómoda, mas um coração enamorado», recorda-nos o ponto 795 de *Sulco*, que abre precisamente o capítulo dedicado ao “Coração”. O verdadeiro amor conjugal é aquele que sabe integrar o coração e a vontade, orientando emoções e sentimentos para a pessoa amada; é aquele que sabe tornar o amor pessoal, envolvendo todas as dimensões da personalidade, chegando mesmo a «amar também os defeitos do cônjuge». Fidelidade, exclusividade, eternidade tornam-se, assim, características do amor sponsal, caminho de santidade que conduz à felicidade. Na vida de todos os dias, isto implica a coragem de construir o “para sempre” dia após dia, renovando diariamente as promessas; “dizer sim” não apenas uma vez para sempre – o que, sobretudo nos momentos difíceis, poderia soar como uma condenação sem apelo –, mas todos os dias, num caminho que se constrói instante após instante, dificuldade após dificuldade, alegria após alegria, tornando-se, precisamente por isso, eterno.

“Para sempre” e liberdade

O “para sempre” é possível e realizável porque nasce de uma escolha livre e consciente. Numa época em que somos vistos sobretudo como consumidores, em que tudo parece destinado a ser usado e consumido, a palavra “eternidade” tornou-se cada vez mais escandalosa. No matrimónio, porém, através do amor conjugal e da alegria do dom, sustentados pela graça sacramental, podemos viver a eternidade não como uma condição vazia e intemporal, mas como um tempo que, renovado todos os dias e por isso nunca esgotado, conduz à plenitude da vida. «Pobre conceito tem do matrimónio, que é um sacramento, um ideal e uma vocação, quem pensa que o amor acaba quando começam as penas e os contratempos, que a vida traz sempre consigo. É precisamente então que o carinho se fortalece»^[9]. São Josemaria, que tinha um alto conceito da liberdade, convida-nos a olhar para o matrimónio não como uma condição claustrofóbica, nem para o vínculo conjugal como uma corrente que limita e sufoca a liberdade, mas como uma escolha autêntica que liberta a própria liberdade, dando-lhe sentido e significado.

O amor como escolha

«Repito insistentemente aos que Deus chamou a formar uma família que se amem sempre; que se amem com o mesmo amor apaixonado dos tempos de namoro», dizia afetuosamente São Josemaria, desfazendo o lugar-comum segundo o qual o casamento seria «o tórumulo do amor».

Como também demonstram diversos estudos, o enamoramento pode, se assim o quisermos, tornar-se uma realidade permanente, alimentada pelos pequenos gestos de cada dia e pela disponibilidade constante para dar e perdoar. O amor para sempre não é uma ilusão nem uma esperança ingénua; é uma escolha, o *fiat* quotidiano dos esposos. Um “sim” feito de cuidado e atenção, de *eros* e *agape*^[10], de um amor verdadeiro que deve ser cultivado como o bem mais precioso da vida dos esposos e dos filhos, porque não existe herança maior que os pais possam deixar aos filhos do que o amor verdadeiro que vivem um pelo outro. Amar assim o marido ou a mulher significa corresponder ao sonho de Deus, sonhar com Ele e acolher, com

liberdade e alegria, a vocação à santidade na vida conjugal, como caminho de crescimento contínuo.

Que vês quando olhas para o teu cônjuge?

Quando São Josemaria encontrava casais e famílias, costumava desejá-lhes que fossem «lares luminosos e alegres». São palavras que evocam o convite de Jesus a ser «a luz do mundo» e recordam a promessa: «Digo-vos isto para que a minha alegria esteja em vós e o vosso gozo seja completo» (Jo 15, 11). A alegria do casal e da família tem profundas raízes sobrenaturais. É um dom de Deus que não desaparece, mesmo perante a dor ou as contrariedades. Ao longo dos anos, muitas palavras foram sendo manipuladas ao ponto de perderem o seu verdadeiro significado; entre elas, a palavra “matrimónio”. Na atual crise do humano, que abalou a sociedade e na qual princípios e valores parecem dissolver-se, São Josemaria não se limita a fazer um diagnóstico; preocupa-se sobretudo em indicar o remédio. Quando afirmava que «estas crises mundiais são crises de santos», queria dizer que cada cristão pode contribuir para transformar o mundo, a partir da sua própria condição de vida, sendo contemplativo no meio do mundo. No casamento, isto significa, antes de mais, reconhecer o rosto de Cristo no marido e na mulher; olhar para o outro como Deus olha, amá-lo e amá-la como Deus ama. Não se trata de raciocínios abstratos, mas de vida vivida, como vimos; por isso, mais do que discutir a validade ou a duração, como se a relação conjugal tivesse inevitavelmente uma data de validade, importa re-afirmar a verdade: a verdade inscrita por Deus no coração de cada um, para reencontrar o sentido de uma humanidade autenticamente humana.

Lucrezia Scotellaro Agliata

NOTAS

[1]

Cf. Entrevista concedida pelo Santo Padre aos jornalistas durante o voo para a República Checa, 2009.

[2] Cf. Mc 7, 21.

[3]

São João Paulo II, Discurso ao Simpósio do Conselho da Conferência Episcopal da Europa, 11/10/1985

[4] São Josemaria, Homilia *Amar o mundo apaixonadamente*.

[5] Cf. Romano Guardini, *Accettare se stessi*, Brescia: Morcelliana, 1992, p. 14 e ss.

[6] Joseph. Ratzinger, *Per una teologia del matrimonio*, Marcianum Press, 2018, p.16.

[7] São Josemaria, *Caminho*, n. 27.

[8] São Josemaria, *Sulco*, n. 309.

[9] Salvador Bernal, *Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer. Apontamentos sobre a vida do fundador do Opus Dei*, Aster, Lisboa 1978, p. 54.

[10] Cf. Bento XVI, *Deus caritas est*.